

Corinna Poaracy

—

Com o espirito atribulado ainda sob a brutalidade do golpe que cruelmente me feriu, arrebatando-me a esposa que me era tudo na vida, mas com sufficiente calma para julgar dos conceitos que na imprensa ~~de~~ se lhe têm dirigido, não posso deixar passar sem contestações, ou sem explicações qualquer aspecto que a juizo desprezados possam marcar, de leve que seja, a sua memoria.

Com esse unico escopo e nenhum outro, sobretudo o de levantar discussões sobre sua lembranca sempre affagada e viva, é que aventuro, embora dolorosamente, estas poucas linhas. É imperioso dever esse meu, que ninguém

me contatari.

Éis o caso:

O meu amigo Arthur Agreido (elle diz que o é), referindo-se ao passamento de minha querida mulher, em artigo impresso no Industrial, que só agora me chega ás mãos, entre as flores que do bico de uma pomba deixa cahir-lhe na campaa, e que sinceramente lhe agradeço, espalha algumas vezes, que me cumpre dalli raver. Quero essa campaa limpa, e dirisito que elle assiste.

Diz elle:

«Tenho uma grande magoa guardada no coração. Corina Coaracy foi muito minha amiga, mas — pouco antes de emprehender essa malfadada viagem aos Estados-Unidos, seu paiz na-

tal - escreveu a meu respeito, não sei porque, algumas coisas desagradáveis, que me obrigaram a dar-lhe uma ~~uma~~ pequena e respeitosa contestação. Depois disso, passou por mim um dia na rua do Curador, viu-me e desviou o rosto, para evitar o meu cumprimento."

As cousas desagradáveis de que ali se trata são os seguintes trechos de uma chronica em que se fallava do celebre banquete que teve por pretextos a installação da escola nacional de bellas-artes:

"O successo do banquete, porém, pertenceu todo a Arthur Aguiar, que brindou a arte dramatica, saudou a indigencia em versos tão bonitos que quasi chegar a re-

conciliar-nos com a arte pratica. A' sombra da rima e do metro dizem umas verdades cu-
delissimas, mas bem sentidas,
comprehendidas inteiramente
pelos artistas dramaticos pre-
sentes, verdades essas que sur-
gem todas as vezes que se
trata de theatros e artistas
nacionais.

«Muito se ha fallado e
muito ainda se ha de dizer
sobre essa miseria e essa
decadencia; mas, por Deus!
se o theatro nacional está re-
duzido a pedir esmolas, se
quem a culpa?

«De muitos, e sobretudo dos
nossos criticos e chronistas,
e entre elles, talvez em pri-
meiro logar, o proprio Sr.
Theo Azavedo.

«Têm esses senhores a pe-
tenção de guiar o gosto pu-
blico, de o encaminhar na

apreciações de todas as pro-
 succões theatricas e do mere-
 cimento dos artistas que do
 theatro vivem; sabem, melhor
 do que nós, se a sua opinião
 influe ou não sobre o spi-
 rito de seus leitores, conhe-
 cem a força persuasiva de
 sua penna, e entretanto os
 seus elogios todos, todos os
 seus enthusiasmos, o melhor
 esforço de sua critica, em-
 pregam-nos elles de prefe-
 rencia na apologia das
 companhias estrangeiras que,
 como um mal sporadico, a-
 qui chegam para sugar o
 sangue, a vida, o pão dos
 nossos pobres artistas, que
 lhes merecem apenas as je-
 remiadas que nada reme-
 deiam.

«Culpados de nossa de-
 cadencia dramatica são os
 Arthur Aguiar e outros que,

quando aqui aponta ou emma-
 Judic arrelantada ou um
 Emanuel innovador, só u ce-
 cupam na sua chronica com
 elles, dando-nos diariamente
 a expressao do seu enthus-
 iasticos fereos, e que, quan-
 do esses artistas se vão em-
 bora, apenas de longe em
 longe se lembram da exis-
 tencia de um ou outro de
 nossos theatros.

„Se o theatro decaiu, é
 porque os chronistas come-
 diographos, e entre elles ain-
 da Arthur Aguiar, preferem
 traduzir operetas e farsas
 licenciosas a escreverem pe-
 ças limpas e comedias de-
 licadas. O gosto publico
 está retragado? ellas quem
 o retragou, Santo Christo! u-
 não aquelles que nada bom
 lhe querem dar e elogiam,
 em termos de calas de bot-

quin, as farrasarias que au-
dare ali em scena?"

São suas as costas, dua
gradarais que tanto magoa-
ram o escriptor.

Pois bem leia - u agora a
resposta que elle entender das.
Eilha:

"Se C. Cy fosse um homem,
eu mandava-o plantar batatas
tatas; mas é uma senhora,
e uma senhora a quem respeito,
concordo e retiro: devo-lhe
uma resposta.

"Tranquillize - u: essa res-
posta está muito curta.

"Tentei fazer theatro litter-
ario, e fiz: escrevi uma
comedia em verso, a Joida;
para vê-la representada tive
que decidir dos direitos de
autor em proscito da actriz
contratada para representar
o principal papel. Ede-
vi a Almanjorra e come-

qui fazel-a representan qua-
 torze annos depois de scrita.
 Traduzi Moliere em verso: a
Escola dos Maridos foi ouz vezes
 á scena, e Sganarello oit,
 se me não engano.

«Durante os ensaios da Es-
cola, o empresario, q̄ a pomba
 em scena a contra-gosto, to-
 dar as vezes que se referia á
 peça, dizia: «Essa m....» (vid.
Cambronne)!

«As representações de Sgana-
rello assistiu um unico lit-
 terato: - Cochin de Sto!

«Traduzi o Sarcouf: já
 deu cem representações; estou
 traduzindo o Rip, e conto
 com outras cem.

«Ora, ahí tem, C. Cy!»

Pergunto agora eu: qual
 a senhora, qual o homem
 mesmo de bris, que depois
 de tal respeito, na qual
 o autor outra coisa não

consequin' não justificar,
 que se no proceder, que na
 linguagem, as accusações
 que lhe eram feitas, qual a
 renhora, pergunto, que não
 desistia o roto para evi-
 tar o cumprimento daquella
 que taes palavras, ou antes
 palavradas, lhe dirigia?

Tinha o meu amigo gerat-
 dade no coração grande
 magoa; mas que essa reju-
 ração foy originada pelo
 despeito que o inspirou quan-
 do aquellas palavras recer-
 rou.

V. Couracy